

ENTENDENDO AS MOTIVAÇÕES DOS DOADORES DE SANGUE

CÂNDIDA DO NASCIMENTO SILVA¹, ALESSANDRA DA TERRA LAPA²,
ANGÉLICA RUIZ DELBONS³, CARLA VIVIANE DUARTE DE OLIVEIRA³,
DANIELE DURVAL DOS SANTOS³, CÍCERO HUMBERTO DE FRANÇA JÚNIOR³

¹Acadêmico de enfermagem. Centro Universitário Augusto Motta – UNISUAM. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: carolcastro08.cc@gmail.com

²Enfermeira. Mestre em Enfermagem FENF/UERJ. Especialista em Enfermagem do Trabalho ENF/UERJ. Professora do Centro Universitário Augusto Motta. Coordenadora Adjunta do Curso de Especialização de Gestão em Saúde da Família ENF/UERJ. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: aless.lapa@yahoo.com.br

³Acadêmicos de enfermagem. UNISUAM. Rio de Janeiro, Brasil.

INTRODUÇÃO: No Brasil era comum a doação de sangue remunerada através dos bancos de sangue privados, contribuindo para a lucratividade, incentivada pela Lei Federal 1.075/50 (BRASIL, 2015). Então, ainda na década de 80, ocorre no país o surgimento da política pública do sangue, com implantação de uma rede de hemocentros e o enfoque na doação voluntária e não remunerada, como ato de solidariedade e altruísmo (BRASIL, 2015). Em 1986 com a VIII Conferência Nacional de Saúde e a participação de representantes de diversos segmentos sociais, foram trazidas importantes contribuições para a área hemoterápica, já que discussões se voltavam para um conceito amplo da saúde, com acesso universal e igualitário (BRASIL, 2015). Com o aumento de doenças transmitidas pelo sangue e com o advento da AIDS na década de 1980, o governo sancionou portarias e decretos com o objetivo de regulamentar a doação de sangue, onde houve no Brasil o surgimento de Hemoterapia como questão de Política Pública (BRASIL, 2015). A institucionalização de uma Política Nacional de Sangue e a criação de uma Coordenação de Sangue do Ministério da Saúde se fizeram necessárias na busca do desenvolvimento de ações que melhorassem efetivamente a segurança transfusional, norteadas, por meio de normatizações, as ações, competências e responsabilidades de todos os profissionais com atuação na área de hemoterapia (BRASIL, 2015). Diante dos constantes estoques baixos, buscamos captar novos doadores, pois ao entender o que os motiva a doar pela primeira vez, poderemos desenvolver estratégias para fidelizar os novos doadores. **OBJETIVO:** Identificar a motivação que leva o doador a realizar a doação voluntária pela primeira vez. **MÉTODOS:** Pesquisa descritiva exploratória com abordagem de revisão de literatura (LAKATOS, 2010), com busca nas bases de dados BVS onde foram selecionados quatro artigos com texto completo em português e manual do Ministé-

rio da Saúde. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Na busca de entender o que motiva as pessoas a doarem pela primeira vez, iremos analisar alguns dados para obtermos as respostas. Segundo o Ministério da Saúde, com base na Portaria MS/GM nº 2.712, de 12.11.2013, a conceituação da motivação da doação pode ser: Doação espontânea – doação feita por pessoas motivadas para manter o estoque de sangue do serviço de hemoterapia. É decorrente de um ato de altruísmo, sem ter o nome de um possível receptor; Doação de reposição – doação advinda do indivíduo que doa para atender à necessidade de um paciente. É feita por pessoas motivadas pelo próprio serviço, pela família e por amigos para repor o estoque de hemocomponentes do serviço de hemoterapia; Doação autóloga – doação do próprio paciente para seu uso exclusivo. O Ministério da Saúde, em 2014, divulgou os dados referentes a motivação da doação de sangue no território brasileiro, segundo as regiões. E a doação espontânea foi a maior em todo país, exceto no Nordeste em que a doação correspondeu a 49,15% e a por reposição foi equivalente a 50,84%. (BRASIL, 2015). Quanto as demais regiões, o percentual de doação espontânea correspondeu: Norte (57,34%), Centro-Oeste (79,39%), Sudeste (68,33%) e Sul (71,73%) (BRASIL, 2015). No entanto temos diferentes dados ao analisarmos cada município. Em um serviço de Hematologia no Rio de Janeiro foi realizado um estudo para saber o itinerário dos doadores de sangue, e os resultados mostraram a prevalência de doadores de reposição (65,4%) e em menor número estão aquelas pessoas que doam voluntariamente (SANTOS, 2010). Dados estatísticos do HEMOSC de Florianópolis do setor de captação de doadores realizou uma pesquisa do ano de 1989 a 2008, as pesquisas indicaram que de 1989 a 1997 a prevalência era de doações vinculadas e a de 1998 a 2008 a prevalência foram de doações voluntária, ou seja, houve uma mudança significativa no perfil motivacional do doador (PEREIRA et al 2009). Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde e a Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS, 2015) 25 países são incapazes de rastrear todo o sangue doado, em relação a essas infecções, devido à oferta irregular de kits de teste, à falta de pessoal, a kits de má qualidade ou à falta de qualidade básica em laboratórios. E apenas 62 países têm o total do seu fornecimento de sangue a partir de doadores voluntários. Trinta e quatro países ainda dependem em mais de 75% do seu estoque, de doadores familiares e até mesmo dos doadores pagos. A doação feita por 1% da população pode atender à maioria das necessidades básicas de sangue de uma nação (OPAS/OMS, 2016). De acordo com o Ministério da Saúde, 1,8% da população brasileira doam sangue e, desses, mais de 50% são espontâneos. Entre 2013 e 2014, houve aumento de 5% na coleta de bolsas de sangue no país, passando de 3,5 milhões para 3,7 milhões. Ainda assim, é preocupação da pasta sensibilizar e fidelizar novos doadores (BRASIL, 2015). No período citado, comparado com os dados de 2013, as regiões se mantiveram com percentuais semelhantes. A Região Nordeste, continua com o menor percentual de doações espontâneas (49,15%) e a região com maior percentual de doações espontâneas em 2014 foi a Região Centro-Oeste, com 79,39%. Quanto ao tipo de doador, os percentuais de doadores de retorno são maio-

res em relação aos doadores de primeira vez em todas as regiões, mantendo o mesmo comportamento de 2013, sendo o seu menor registro na Região Nordeste (57,92%). As demais regiões apresentam percentuais de doadores de retorno acima de 59% (BRASIL, 2015). **CONCLUSÃO:** Diante da análise dos dados chegamos a conclusão que a maioria da população brasileira doa sangue movida pela solidariedade, por valores altruísta, com a intenção de ajudar o próximo, tem aqueles que doam em benefício próprio afim de ganhar o atestado do dia de trabalho, esses são uma parcela da população com um numero não expressivo; seguida da doação de reposição ou vinculada que também não deixa de ser um ato solidário com o outro, porém é visto como solidariedade mecânica. A região Nordeste como também os serviços Hematológicos do Rio de Janeiro tiveram um percentual baixo de doadores voluntários, necessitando de mais estudos para entender as razões pelas quais isso ocorreu para que possa ser desenvolvida estratégias de marketing social com o intuito de captar novos doadores não só onde tiveram o percentual baixo como em todo Brasil, e fidelizando os mesmos.

DESCRITORES: Prevalência, Doadores de sangue, Análise estatística, Motivação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. **Caderno de informação: sangue e hemoderivados: dados de 2014**/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Especializada e Temática. – 9. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 154 p.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M.A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE/ ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OPAS/OMS). **OPAS/OMS conclama os países das Américas a adotar ações para assegurar 100% de sangue por doações voluntárias altruístas**. 2016.

Disponível em: http://www.paho.org/bireme/index.php?option=com_content&view=article&id=209%3Aopasoms-conclama-os-paises-das-americas-a-adotar-acoes-para-assegurar-100-de-sangue-por-doacoes-voluntarias-altruistas&Itemid=73&lang=pt. Acesso em: 11 de setembro de 2016.

PEREIRA, Rosane Suely May Rodrigues; REIBNITZ, Kenya Schimidt; MARTINI, Jussara Gue Martini; NITSCHKE, Rosane Gonçalves. Doação de sangue: solidariedade mecânica versus solidariedade orgânica. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília 2010 Mar-Abr; 63(2): 322-7.

SANTOS, Nereida Lúcia Palko; STIPP, Marluci Andrade Conceição. O itinerário de doador de sangue: reflexões acerca da micro política no cuidado de enfermagem. **Physis. Revista de Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, 21 (1): 283 – 298. 2011.